



## **Conversatório 2: Avanços e retrocessos na construção da agroecologia feminista e antirracista.**

**Elisa Urbano Ramos**, Possui graduação em Licenciatura em Letras pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde(2000), aperfeiçoamento em Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo pela Universidade Federal de Pernambuco(2011) e aperfeiçoamento em Formação para o programa Escola Ativa pela Universidade Federal Rural de Pernambuco(2012). É Mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, pertence ao Povo Indígena Pankararu.

Para saudar todos e todas que estão nos ouvindo, vou começar dizendo que “sem feminismo não há agroecologia”. Eu tenho ouvido essa frase, feito as leituras nos nossos encontros, e em princípio, trago a reflexão de que essa relação que a agroecologia tem com o feminismo é no sentido de propor igualdades de direito, não apenas igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas igualdade de direitos entre as pessoas. E essa proposição de igualdade de direitos vai de encontro à relação que o agronegócio tem com o machismo, à relação que o machismo e o racismo tem com o patriarcado. Então enquanto o feminismo e a agroecologia nos propõe essa igualdade de direito - e daqui a pouco eu falo do ponto de vista indígena -, então esse patriarcado, machismo, racismo e sua relação com o agronegócio propõe um sistema de subalternidade, um sistema de dominação, um sistema onde em momento algum há essa igualdade de direito, portanto esse direito humano é violado a todo momento, seja violação declarada, seja violação sutil.

Dizendo estas palavras, começou a falar que o meu lugar de fala, em princípio, é meu povo, o território que me traz. E não apenas enquanto Elisa, mas enquanto uma Elisa que não está sozinha, que traz consigo a história do meu território, dos meus antepassados, das pessoas que vieram antes de mim mas também da minha descendência que é a descendência da minha geração, dos que aqui estão e dos que virão.

Então talvez essa minha força em falar com segurança do feminismo, uma vez que “feminismo” é uma palavra que não faz parte do vocabulário geral da população brasileira, e sobre ela é dita que “não existe feminismo entre os indígenas”. Mas, talvez, por eu vir de uma sociedade matriarcal, venho de um povo e pertencço a um povo que tem em sua história, em

seus sistemas, a presença de mulheres, grandes mulheres lideranças e de destaque, que não apenas no contexto social das suas ações em contextos sociais coletivos, mas também em sua relação com a espiritualidade que o meu território me traz. Então eu faço essa relação coma agroecologia, porque nossas mulheres são guardiãs e detentores dos saberes tradicionais também. Isso faz com que haja essa relação com a agroecologia nomeu entendimento e na minha forma de viver. E quando falo dessa relação com meu território, não estou falando apenas de uma extensão de terra, não estou falando apenas de quilômetros ou hectares, mas estou falando de um espaço

sagrado onde vivem seres humanos, mas outros seres também. Seres visíveis, invisíveis, árvores, águas, pedras, serras, rios, riachos, plantas. E da história do meu povo, do território, esse território é também morada dos meus antepassados, morada dos meus seres sagrados, e nesses seres sagrados há também seres femininos. E eu penso que essa certeza de que seres femininos habitam nesses espaços sagrados fazem com que eu tenha essa certeza e essa força de que nós, mulheres indígenas, também somos representadas. No entanto, nós vivemos há 521 anos com uma outra cultura. Uma cultura que invade, uma cultura que viola esses nossos sistemas, uma cultura que é estranha aos nossos modos de vida. Portanto, ela viola esse nosso sistema de harmonia, pois ela traz consigo seu racismo, seu machismo, seu patriarcado que não violenta apenas nossas mulheres e nossas meninas, mas violenta os nossos homens, e faz com que essas mazelas contaminem nossos sistemas.

E a agroecologia tem essa relação, porque a agroecologia é esse sistema de harmonia, e quando eu falo de sistema de harmonia e a presença das nossas mulheres, para que eu tenha segurança em falar de feminismo indígena, é dizer que os sistemas de educação próprios dos povos indígenas tem a presença de nossas mulheres, parteiras, rezadeiras, mães, meninas, jovens, idosas. E que nossas mulheres são educadoras. E em nossos sistemas de saúde e em nossos processos de cura, nossas mulheres também estão. Portanto, os sistemas de convivência deixados pelos nossos antepassados são sistemas de harmonia, entre homens e mulheres, entre crianças e idosos. E que as mazelas do machismo não nos pertencem. Ele é uma mazela da colonização, que nos invade, tão mazela quanto é o COVID-19. Não nos pertence. Não faz parte dos nossos processos de cura. No entanto ele chega aqui, invade os nossos territórios.

E pra que eu faça essa relação da agroecologia com os costumes indígenas, eu trago as mulheres como guardiãs dos saberes tradicionais no presente também, não apenas as mais

velhas, mas também as nossas meninas e mais jovens. E fazendo essa relação com o que propõe nosso tema de hoje, sobre os avanços e retrocessos dessa agroecologia feminista e antirracista, o fato de nós estarmos fortalecidas, empoderadas, discutindo e respeitando nossas diferenças em um momento em que essa pandemia rompe. Não é apenas a pandemia do COVID-19, mas junto a ela vem a pandemia do racismo declarado, não apenas voltado aos povos indígenas, mas do racismo enquanto essas crenças, esse estabelecimento de hierarquias entre raças e etnias, e nunca esse racismo foi tão extremado, tão declarado, ele sai da sutileza e se declara nas políticas públicas, se declara nos espaços públicos que são nossos e nos pertencem também. E nesse contexto, em que esse racismo determina categorias de pessoas enquanto inferiores, ele tem cara e modelo: é homem, branco, hétero, cristão, capitalista, patriarcal. E nós precisamos trazer para a pauta do dia, e os movimentos que estão aqui presentes e que trazem seu feminismo diferente, mas que no final eles se conjugam porque em momento algum a gente comunga com violência, seja qual for essa forma, que nenhum feminismo comunga com a desigualdade.

Então, isso significa que nós temos uma união, e esse racismo que tem dimensões várias, está presente em vários espaços epistêmicos, políticos, cosmológicos, e trazem o gênero enquanto um eixo articulador desse racismo. A minha presença, enquanto indígena e que acompanha o que acontece com meus parentes de norte a sul desse Brasil, nossa ação se conecta e articula quando outras lideranças indígenas, pesquisadores, intelectuais, vão ter a certeza de que essa pandemia não é a única, vem com outras, mas esse país que foi construído em cima de sangue indígena, sangue negro, sangue camponês, e que continua violando esse direito à vida, e não é apenas a vida das pessoas, mas a vida de outros seres, a vida das árvores, dos rios, das pedras. Esse sistema rompe com a ideia de agroecologia, rompe, viola essa agroecologia que tem beleza, mas que se depara com conflitos também.

Para concluir essa minha fala, vou falar dessa minha inspiração nessas mulheres para falar sobre o feminismo indígena. Então, é bem tranquilo falar de machismo em terras indígenas, como se fosse algo cultural, natural. Não é! Não nos pertence, não pertence aos nossos homens. Pelo menos, não no nosso sistema de harmonia. Então, pensar em feminismo indígena, penso que é uma ação contínua, porque ela tem uma relação de pertencimento de nossas mulheres com os nossos territórios, portanto ter uma interligação de espiritualidade, território, corpo e história, mas em nenhum momento nós mulheres indígenas comungamos com

violência de qualquer natureza. Comungamos a luta de todas as mulheres. Então, na nossa especificidade, na nossa relação corpo-espírito com nosso território, nós comungamos com a luta das mulheres seja qual for a forma de lutar, porque é uma luta contra a desigualdade e contra a violação.